

Cooperação & Pesquisa: uma aliança na Educação a Distância

Silvana Corbellini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)-
Porto Alegre-RS-Brasil

silvanacorbellini@gmail.com

Abstract. *This paper, by examining the human being appropriation of knowledge, presents a methodological conception in the teaching/learning process. Such conception is based on Jean Piaget epistemological theory and on others authors who work with scientific methodology, as Minayo, Yin and Demo. The method, which was used, is the case study (Yin, 2010) that allows the deepening of the theme. It was also used data triangulation in order to preserve the quality standards of the present paper. The researches have performed these studies on distance education practice based on graduate courses of a public university allying the research to the cooperation concept. One of the options we consider as viable to foment a sustainable world, is the praxis of cooperative research to form subjects who are autonomous and conscious about their own presence in the world.*

Key words: *cooperation, distance education, research, teaching/learning practices.*

Resumo. *O presente artigo ao abordar a apropriação do ser humano ao conhecimento apresenta uma concepção metodológica no processo de ensino-aprendizagem, baseado na teoria epistemológica de Jean Piaget e nos autores que trabalham com metodologia científica, como Minayo, Yin e Demo. O método utilizado é o Estudo de Caso (Yin, 2010) que permite o aprofundamento da temática e utiliza-se a triangulação de dados objetivando a qualidade do trabalho. Estes estudos vêm sendo realizados pelas autoras na prática da Educação a Distância no nível de graduação em uma Universidade Pública, aliando-se a pesquisa ao conceito de cooperação. Um dos caminhos que apontamos como viável para fomentar um mundo sustentável é a práxis da pesquisa cooperativa, construindo-se sujeitos autônomos e conscientes de seu “ser e estar” no mundo.*

Palavras-chaves: *Cooperação, Educação a Distância, Pesquisa, Práticas de ensino-aprendizagem.*

Apresentação

Na relação entre homem e ambiente é que ocorre a apropriação de conhecimentos. Existem várias maneiras de concebê-los, conforme a natureza do conhecimento: senso comum, religioso, filosófico, mítico, científico e artístico, sendo que todos convivem simultaneamente; complementando-se e constituindo-nos. O ser humano se utiliza de diversas visões dos fenômenos para constituir a realidade. Focaremos no conhecimento científico, referenciando-nos na teoria piagetiana e autores que abordam a metodologia científica como Minayo, Demo e Yin.

A investigação científica, de acordo com Lakatos e Marconi (1991) se inicia a partir do momento no qual se descobre que os conhecimentos existentes são insuficientes para a compreensão dos problemas que surgem. O começar a investigação científica é, primeiramente, a constatação da incompletude existente para responder a determinado tema e, portanto, a procura de nova resposta.

O professor sempre teve um papel considerável na sociedade. Antigamente, ele tinha um “status” social importante, o reconhecimento de sua mestria era indiscutível e o que falava, era lei. Aos alunos, competia escutarem, decorarem e repetirem. Esta era a concepção vigente de ensino-aprendizagem. Ou seja, a figura do professor, como um “ente” provido de todo o saber, dono da verdade absoluta a ser transmitida aos alunos.

Será que hoje, estamos tão longe desse professor mítico? Ao trabalharmos com professores, inclusive na formação, percebemos o quanto essa responsabilidade, “essa imagem”, “pesa em seus ombros”. Os alunos, neste caso, futuros professores, quando adentram a graduação, conseguimos visualizar alguns pontos que corroboram este aspecto. Por exemplo, ao chegarem à sala de aula e durante o semestre, os alunos “aleatoriamente” escolhem um lugar para sentar e ali ficam – cristalizados/cronificados naquela cadeira. A cada aula, entram e se dirigem ao mesmo assento. Outro tópico é o silêncio, o medo de se expor, de falar e, quem sabe, errar? Ao questioná-los: como farão quando chegar a sua vez de ocupar o lugar de professor, respondem: “aí é diferente”. Qual a diferença que apontam? A resposta: “daí, eu serei o professor”. Instigante. Um toque de magia: a partir da formatura, deixa-se de ser aluno para ser professor e então, poder falar (ou repetir?). Assim, conforme Demo (2000) a maioria dos professores acaba sendo um mero porta-voz, um instrutor instruído e não fala com a sua própria voz. E ainda, para Demo (2001), um professor: “Teria o maior constrangimento em ver-se colocado como cientista ou pesquisador, porque foi domesticado na universidade a aprender imitativamente e a atuar na escola como mero instrutor (p. 77).

Refletindo, a sensação é que a autorização pelo saber passa-se pela autorização formal que a instituição lhe propicia: seu diploma. Será que esse dispositivo garante a educação, ou a possibilidade de “ser professor”; ou somente garante o “exercício de dar aulas”? Os autores Lévy e Authier (1995) resumem esta colocação em uma frase: “De todos os saberes, somente uma ínfima parcela é acompanhada por um reconhecimento oficial de títulos ou diplomas” (p.101).

Ao procurarmos o embasamento teórico na epistemologia genética, partirmos do pressuposto de sujeitos ativos. O professor perpetuando essa posição de “detentor do saber” manterá idêntico o processo de ensino-aprendizagem, requerendo dos alunos: decorar → repetir → transmitir, ou seja, instrutores como aponta Demo (2001). Esta

situação é comprometedora, pois impede qualquer movimento e conseqüentemente, qualquer criação.

Um dos pontos que consideramos fundamental é a pesquisa e, outro a cooperação. Defendemos a prática da pesquisa cooperativa como uma metodologia no processo de ensino-aprendizagem a ser implantada, inclusive na Educação a Distância, como uma das vias para a formação de professores comprometidos com a sua práxis. A nossa reflexão sobre o “ser professor” e suas possibilidades de atuação parte do estudo desses dois conceitos que julgamos pertinentes à nossa indagação, aliando-os e transportando-os para a práxis docente.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso desenvolvida a partir de outros estudos da autora (CORBELLINI, 2011; CORBELLINI E REAL, 2011, 2011a, 2011b, 2011c, 2008). O universo compõe-se de turmas de graduação de Licenciaturas e da Pedagogia, nas modalidades da Educação a Distância e semipresencial e, com atuação na docência e tutoria.

O nosso problema inicial é referente ao como o professor pode realizar sua prática, promovendo a formação de sujeitos autônomos frente ao aprendizado? O objetivo geral desta pesquisa foi o de investigar como se pode constituir nos ambientes virtuais de aprendizagem, metodologias que auxiliem o professor em sua práxis, propiciando a autonomia dos alunos. Um caminho que encontramos neste percurso foi à pesquisa cooperativa como metodologia no processo de ensino-aprendizagem, perpassando a formação acadêmica.

A pesquisa documental, de acordo com Yin (2010), auxilia a evidenciar informações que foram obtidas por intermédio de outras fontes. Aqui, foram analisados, através de uma releitura atenta do banco de dados já construído, referente a estudos realizados, com registros de materiais das várias turmas assistidas.

Utilizou-se o conceito de triangulação de dados de Minayo (2010), que refere que “toda a triangulação de métodos e técnicas favorece a qualidade e a profundidade das análises” (p. 296). Salienta que a triangulação possibilita a complementaridade, a visão holística e uma maior criticidade pela amplitude de dados.

Pesquisa: construindo saberes

O que significa pesquisa? De acordo com Demo (2005, p. 18), pesquisa é “compreendida como capacidade de elaboração própria, a pesquisa condensa-se numa multiplicidade de horizontes no contexto científico”.

Gatti (2002) afirma que a pesquisa é o ato que executamos para obter conhecimento sobre alguma coisa e, num sentido mais estrito, a construção de um corpo de conhecimentos sobre determinado assunto. O ato de pesquisar parte de dúvidas a respeito de algo, a busca de respostas que desejamos adquirir sobre um determinado tema. Ou seja, há aí, um “além de”, ambicionamos algo mais do que sabemos até o momento. Há uma falta de conhecimento, algo que provoca um desejo e, logo, a busca pelo saber.

Importante considerar que essa busca de soluções, ou da “verdade” é sempre relativa, uma vez que a resposta é temporal e contextual. Mas isso, de forma alguma,

invalida a pesquisa, apenas requer que se tenha o maior rigor científico possível. Ressalvamos aqui, de acordo com Yin (2010), que o rigor científico não implica em perder a flexibilidade, aliás, que esta seja um dos componentes da investigação possibilitando ampliar e/ou modificar o campo, conforme novos dados forem surgindo.

Ou, nas palavras de Minayo (2005, p. 39): “toda investigação social precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si, de forma complexa, os traços dos acontecimentos de curta, média e longa duração, expressos em seus bens materiais e simbólicos”.

Apontamos a contribuição de Minayo (2005, 2010) que ao referir-se sobre a prática da pesquisa com a utilização da metodologia por triangulação, é uma maneira do pesquisador se colocar a prova através da troca com os seus pares. Além disso, afirma à autora, a triangulação permite através do seu uso, a interação, a crítica intersubjetiva e a comparação. Essa idéia é corroborada por Yin (2010) ao tratar das abordagens quantitativas e qualitativas, realçando que não há necessidade de se ter limites rígidos e que os métodos podem ser complementares, visando uma convergência das evidências.

A pesquisa é um estudo pessoal, pois traz em seu bojo, marcas, inferências e atitudes investigativas daquele que a realiza. É um estudo delineado pelo rigor e possui várias compreensões no cenário científico.

Podemos estabelecer uma analogia, da prática da pesquisa cooperativa, com as múltiplas possibilidades de visões que o Caleidoscópio nos permite a cada giro, em cada momento. A partir de cada movimento, os cristais se misturam e se transformam, possibilitando outros olhares, multifacetados, que possibilitam criar novas imagens, ou novos conhecimentos.

Cooperação: (re)unindo saberes

“Cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros” (Piaget, 1973, p.105).

A cooperação alicerça-se em vários pontos de vista, através das operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade e pela existência de regras autônomas e condutas baseadas no respeito mútuo. Para isto, é imprescindível que os integrantes do grupo estejam referenciados em um sistema comum de convenções e que o mesmo seja um alicerce para outras reconstruções. Isso permite que aconteçam trocas cooperativas e operações recíprocas. Piaget (1973) refere que são necessárias três condições para que ocorra uma real cooperação: (1) a existência de uma escala comum de valores; (2) a conservação dessa escala e; (3) a reciprocidade na interação. Destaca que essas três condições de equilíbrio só acontecem na cooperação e não, nas relações nas quais existem egocentrismo ou coação.

De acordo com Piaget (1973) a educação configura um todo indissociável e não tem como formar sujeitos autônomos no aspecto moral, se o mesmo se encontra submetido a uma coerção intelectual na qual aprende passivamente. Ressalta o autor que quando o sujeito é passivo intelectualmente, será também moralmente e que a recíproca é verdadeira; se o sujeito é moralmente submisso à vontade do outro, será intelectualmente.

Conforme De La Taille (1996): “o processo educativo inevitável não deve ser visto como mera socialização ou aculturação da criança: a educação deve estar a serviço do aperfeiçoamento do homem. Portanto, ela não deve limitar-se a reproduzir a cultura: deve fazê-la evoluir” (p.139).

Pesquisa Cooperativa: uma aliança

Nesta aliança, da pesquisa e da cooperação, ao referirmo-nos as pesquisas cooperativas, nos utilizamos de Piaget (2002) que aponta a cooperação como uma ferramenta indispensável para a elaboração racional, defendendo o trabalho em grupo nas práticas educacionais como integrante do processo ativo do aprendente. Piaget (1977) não elimina a diferenciação dos pontos de vista, ou seja, não se trata de homogeneizar, mas de colocá-los em reciprocidade.

Já Minayo (2005), ao tratar sobre este tema, destaca a importância da união da teoria e prática, de uma forma dialética e interdisciplinar. A autora também pontua que avanços importantes podem acontecer através da triangulação de métodos quando uma equipe de pesquisadores aceita o desafio de um trabalho cooperativo. Corroboramos com a autora e conjuntamente com Piaget (1977) do quanto à aliança entre pesquisa e cooperação pode ser frutífera. O que conceituamos como “pesquisa cooperativa” é exatamente esta junção dinâmica desses dois conceitos. A pesquisa como movimento de busca de respostas e, a cooperação como um movimento conjunto dos integrantes na construção de respostas. Ou seja: um único movimento que englobe o individual e o social, trabalhando de forma cooperativa em prol de um objetivo comum – a construção de conhecimento.

Destacamos que vários trabalhos na área da Educação a Distância foram realizados pela autora, alicerçados nestes fundamentos, implantando-se espaços e práticas cooperativas em ambientes virtuais de aprendizagem, entre esses a pesquisa cooperativa (Autora, 2011, 2011a, 2011b, 2011c, 2008). A partir da avaliação desses, pudemos constatar o quão profícuos se tornam esses espaços na construção de sujeitos autônomos. Visualizamos a cooperação como um caminho e uma alavanca imprescindível ao desenvolvimento integral de nossos alunos. Ela é uma ferramenta eficaz no processo de ensino-aprendizagem com conseqüências no micro e no macro.

O importante é que esses conceitos – Cooperação & Pesquisa; bem como a aliança dos mesmos se transforme em uma prática metodológica no processo de ensino-aprendizagem, onde professor e alunos, juntos, construam saberes; realçando que nesse processo, todos têm o que ensinar e o que aprender.

Desmistificando o lugar do professor, como o de “quem tudo sabe”, para aquele que “tem o que aprender”; no girar do caleidoscópio, conseguiremos visualizar novas imagens. Desta forma, o desafio consiste em reconstruir o espaço da educação, dialeticamente ensinando e aprendendo, pois este é um caminho interminável para aqueles que se lançam na aventura do conhecer.

Referências

CORBELLINI, S. (2011). Cooperação: uma alavanca no processo de ensino-aprendizagem na educação a distância. **RENOTE**. Revista Novas Tecnologias na Educação (UFRGS, online), v. 9, N°2.

- CORBELLINI, S.; CORTE REAL, L. M. (2011a). Trabalho de conclusão de curso (TCC) em um curso de graduação modalidade EAD: uma proposta cooperativa construída em ambiente a distância. **RENOTE**. Revista Novas Tecnologias na Educação (UFRGS, online), v. 9, N°1, p. 17-27.
- _____. (2011b). Proposta Cooperativa em Curso de Graduação a Distância Construída em Wikis. In: **VI Conferência Latinoamericana de de Objetos de Aprendizagem y Tecnologias de La Educacion** – LACLO 2011. Montevidéo: Editora de La Universidad de La República Uruguay, v. 1.
- _____. (2011c). Proposta de uso de Wiki como Arquitetura Pedagógica: cooperação. In: **XXII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação e XVII Workshop de Informática na Escola** (SBIE e WIE).
- _____. (2008). Café & Cia: uma proposta de espaço de interações informais em EAD. In: **XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação**, 2008, Belém do Pará. Anais do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, p. 406-409.
- DEMO, Pedro. (2005). **Pesquisa princípio científico e educativo**. 11. ed. São Paulo: Cortez. Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, v. 14.
- _____. (2000). **Educar pela pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados. Coleção Educação Contemporânea.
- _____. (2001). **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados. (Biblioteca de educação. Série I. Escola; v.11).
- DE LA TAILLE, Y. (1996). In: MACEDO, L. de. **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GATTI, Bernardete Angelina. (2002). **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora. Série Pesquisa em Educação, v. 1.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. (1991). **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- LEVY, P.; AUTHIER, M. (1995). **As árvores do conhecimento**. São Paulo: Ed. Escuta.
- MINAYO, M. C. (org.). (2005). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- MINAYO, M. C. (2010). **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec.
- PIAGET, J. (1973). **Estudos sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense,
- _____. (1977). **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Editora MestreJou.
- _____. (2002). **Para onde vai a educação?** 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- YIN, R. K. (2010). **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4° Ed. Porto Alegre: Bookman.